

O Colosso do Monte Castelo: A construção de um lugar de memória

Maria Lindalva Silva Santos*

Resumo: Este artigo apresenta resultados parciais da pesquisa “História, Memória e Mídia televisiva na Teresina dos anos 70” e se propõe discutir um pouco da trajetória da TV Rádio Clube-canal 4, primeira emissora piauiense, analisando como ela aparece representada na memória dos pioneiros dessa modalidade comunicativa. Delimitam-se questões sobre o seu surgimento, episódios e personagens. Devido ao descaso com a guarda e restauração de fontes que preservassem essa trajetória, utilizei a História Oral como referência metodológica e os aportes teóricos oferecidos por autores que discutem a categoria memória.

Palavras-chaves: História – Memória - Mídia Televisiva

Abstract: This article presents partial results from a research entitled “History, Memory and TV Mídia in Teresina during the 70’s”, discussing part of the trajectory of TV Rádio Clube-canal 4, the first TV broadcaster in Piauí, and analyzing the way it is represented in the minds of professional pioneers of this mode of communication. For that, issues on its creation, episodes and characters are raised. Due to the lack of proper maintenance and restoration of sources bearing such trajectory, Oral History was used as a methodological reference, as well as theoretical support from authors devoted to the discussion of memory as a category of investigation.

Key-words: History – Memory – TV Midia

*Oh se me lembro e quanto.
E se não me lembrasse?
Outra seria minh'alma,
bem diversa minha face.
Oh como esqueço e quanto.
E se não esquecesse?
Seria homem-espanto,
ambulando sem cabeça.*

Carlos Drummond de Andrade

Construir uma história da mídia¹ televisiva no Piauí analisando seus começos, não é uma tarefa simples, haja vista as dificuldades relativas ao reduzido universo dos acervos documentais referentes à trajetória da primeira emissora de televisão local, a TV Rádio Clube-canal 4. A inexistência de documentos audiovisuais, resultado tanto da precariedade da

* Mestranda em História do Brasil do Programa de Pós-Graduação da Universidade Federal do Piauí, sob orientação do prof. Dr. Francisco Alcides do Nascimento.

¹ A expressão mídia é entendida neste texto como conjunto de meios de comunicação audiovisuais (televisão, rádio, música), impressos (livros, revistas, jornais, folhetos), e virtuais (Internet) e alguns elementos da cultura material de massa (camisetas, adesivos, cadernos, agendas, bibelôs, etc.), uma vez que estes são destacados nos últimos anos como estratégias de comunicação audiovisual e impressa.

tecnologia empregada nos primeiros tempos das transmissões como da falta de cuidado com a guarda e restauração e a escassez de registros fotográficos de ambientes e cenários dos primeiros programas, bem como de documentação escrita são algumas das razões que desestimulariam os historiadores. A fala de Josafan Bonfim de Moraes Rêgo, funcionário da TV Rádio Clube desde 1975, é sintomática: “faltou sensibilidade dessas pessoas ao longo desses anos [...]. Embora eu faça parte disso, fui único que ainda conseguiu guardar alguma coisa”.²

Outros entrevistados manifestaram preocupação semelhante. Cada um, à sua maneira, sente-se perseguido pelo medo do esquecimento da história de uma instituição que se confunde com a sua própria história de vida. Evidentemente, nem tudo está perdido, uma vez que “há correntes do passado que só desapareceram na aparência. E que podem reviver numa rua, numa sala, em certas pessoas, como ilhas efêmeras de um estilo” (BOSI, 1994:75). Assim, diante das dificuldades já mencionadas, utilizo como principal fonte as memórias de profissionais que atuaram/atuam na TV Rádio Clube (Instituição) e, que se dispuseram não apenas a vasculhar os arquivos pessoais de suas lembranças como também registrar uma parte delas em depoimentos gravados.

Nesta pesquisa a televisão foi analisada enquanto realização, o que permitiu responder às seguintes questões: como os entrevistados significam através de seus relatos o advento da televisão em Teresina?³ E, ainda, como a história de cada um desses profissionais ajuda entender e conformar a história dessa modalidade comunicativa a nível local? A proposta segue a trilha aberta pela Nova História Cultural e, apresenta como recorte o período entre 1964, quando o interesse pelo empreendimento passou a ser demonstrado a nível local e 1972, ano em que a TV Rádio Clube entrou no ar.

No princípio era o sonho...

No final dos anos 60 o Piauí ainda não possuía seu próprio canal de televisão, uma realidade que colocava a sua capital em posição inferior em relação a outros espaços urbanos já contemplados pelo som e imagem da nova tecnologia midiática. É fato que a implantação de um canal de televisão – independente da cidade – rapidamente era significada como um evento gerador de progresso e modernização. Em sentido oposto, sua ausência repercutia

² RÊGO, Josafan Bonfim de Moraes. *Entrevista concedida a Maria Lindalva Silva Santos*. Teresina (PI), janeiro de 2009. Não publicado.

³ A cidade de Teresina é entendida neste texto como espaço privilegiado, onde diferentes agentes se mobilizaram para pôr no ar a primeira emissora de televisão do Piauí.

muito mal e prejudicava a imagem de modernidade e desenvolvimento que as autoridades – no caso específico de Teresina – queriam divulgar.

Evidentemente, o interesse pela nova mídia não surgiu para responder a uma necessidade imediata de comunicação, antes dela o rádio já cumpria esse papel ao trazer à cidade um mundo de informações em suas ondas infinitas. Quem possuísse um bom aparelho poderia captar algumas estações nacionais. No mercado radiofônico local, os programas da Difusora (1948), Rádio Clube (1960) e Pioneira (1962), faziam parte do dia-a-dia dos teresinenses que tinham nessa mídia sonora o principal veículo de informação e entretenimento. O historiador Francisco Alcides do Nascimento, juntamente com um grupo de pesquisadores da Universidade Federal do Piauí, conseguiu reunir valiosas informações sobre a história desse veículo no Estado e sua participação na vida da sociedade piauiense. Sobre a Rádio Clube, Nascimento afirma que o seu surgimento foi resultado da associação de um grupo de políticos interessados em criar um espaço para divulgar suas idéias. Depois de um tempo, uma figura respeitável nas comunicações no Piauí adquiriu as ações da emissora, tratava-se de Valter Alencar.⁴

Segundo Nascimento, como sócio-fundador e diretor-presidente da Rádio Clube AM, Alencar tinha muito cuidado para não ser advertido pela Polícia Federal.

[...] o período da ditadura militar foi pródigo na distribuição de concessões de rádio e TV para homens públicos que aceitavam, sem discutir publicamente, o formato de governo imposto de cima para baixo, “aliados” na organização do golpe ou “da hora”. O dono da Rádio Clube tinha, entre outros objetivos, conseguir a concessão de um canal de TV, portanto, precisava preservar sua cabeça e as relações pessoais com os mandatários no Piauí, caminho mais curto para chegar aos generais. (NASCIMENTO, 2006: 38)

Em que pese todo esmero, a liberação do tão sonhado canal de televisão se transformou numa longa e angustiante espera, gerada por entraves econômicos, técnicos e políticos. Na verdade, a aventura televisiva no Piauí estendeu-se por quase uma década, oscilando entre momentos de avanços e recuos, acompanhados por expectadores divididos entre a confiança e a suspeição. Elvira Raulino, colunista social atuante e primeira mulher

⁴Piauiense de União, Valter Alencar (1913-1975), ocupou diferentes lugares de sujeito, em sua maioria ligados ao campo do Direito, da política e, principalmente, das comunicações. No campo político esteve à frente da UDN (União Democrática Nacional), além disso, em seu vasto currículo constam diferentes funções exercidas entre os anos 40 e 70, tais como: professor, promotor público, chefe de polícia, delegado geral do SESI no Piauí, conselheiro e presidente do Tribunal de Contas do Estado, Secretário de Estado, entre outros. Dedicou-se, também, ao jornalismo, fundou e dirigiu em Teresina, o diário “Jornal de Notícias” e exerceu a presidência da Associação Piauiense de Imprensa.

piauiense a apresentar um programa televisivo⁵, descreve as dificuldades e a onda de desconfiança enfrentadas nos começos da TV Rádio Clube. Segundo Elvira, “[...] o povo não acreditava muito não. Dr. Valter Alencar trouxe o Erasmo Carlos para fazer um show na marquise da rádio Clube, aí ele fez uma música: ‘ *Vem aí a TV Rádio Clube pra você!* ’. E o povo cantava: ‘ *Vem aí a TV, só acredito quando vê!* ’ ”⁶

Segundo relatos de alguns entrevistados, a trajetória dessa emissora teve início em 1964, quando o empresário Valter Alencar, em viagem de negócios a São Paulo, entrou em contato com nomes de projeção no meio radiofônico e televisivo. Na ocasião, teria sido convencido a investir na instalação de uma pequena estação de televisão. Fazendo referência a esse acontecimento, Raimundo Nonato Teles Albuquerque, primeiro diretor-técnico da emissora, relata que o objetivo inicial da ida às terras paulistas era a aquisição de um transmissor de 10 kilowatts. O equipamento aumentaria a potência da Rádio Clube. Numa tentativa de ilustrar melhor sua narrativa, Albuquerque preocupou-se em utilizar os recursos da linguagem e da imaginação ao seu alcance para compor o seguinte diálogo entre Valter Alencar e um dos diretores da Pereira de Sousa, empresa de renome no setor da tecnologia de comunicação.

- Dr. Valter o senhor fatura quanto na Rádio Clube?
- Tanto.
- Quanto é que o senhor gasta de luz?
- X.
- O senhor colocando esse transmissor de 10 kilowatts vai aumentar o faturamento?
- Vai não.
- E a sua luz? O senhor sabe quanto o senhor vai gastar? Dez vezes o que o senhor gasta hoje. Por que o senhor não parte para uma pequena estação de televisão? ⁷

O diálogo hipotético apresenta o esforço do entrevistado em reconstruir o momento que para ele representa a gênese da TV Rádio Clube. Seu depoimento, assim como outros, constitui-se como uma versão interpretativa dos fatos. Interessante é que no cruzamento dessa narrativa com outras fontes, deparei-me com uma longa e rica entrevista concedida por Valter Alencar ao jornal O DIA de fevereiro de 1972. Naquela ocasião, Valter Alencar explicava ao repórter como despertou para idéia de implantar uma emissora de TV na capital do Piauí. Reportando-se aos contatos que manteve em São Paulo, Alencar apresenta uma versão

⁵ Elvira Raulino começou a atuar no meio televisivo na extinta TV Difusora do Grupo Raimundo Bacelar de São Luís em 1969. Na época a colunista apresentava um programa semanal chamado “Elvira Raulino e a Sociedade”.

⁶ RAULINO, Elvira. *Entrevista concedida a Maria Lindalva Silva Santos*. Teresina (PI), janeiro de 2009. Não publicado.

⁷ ALBUQUERQUE, Raimundo Nonato T. Portela. *Entrevista concedida a Maria Lindalva Silva Santos*. Teresina (PI), novembro de 2008. Não publicado.

semelhante à de Albuquerque, chegando a dizer que todos foram unânimes em lhe aconselhar a instalar uma estação de televisão pelo seu valor como veículo capaz tanto de sacudir o Estado como de melhorar a instrução da população.⁸

No Piauí, outros visionários embarcaram na aventura televisiva ao lado de Valter Alencar. Antônio Ayres Filho, Ataulpa Albuquerque, Jim Borralho Boavista, Rufino Damásio, Jorge Azar Chaib e Pedro Cavalcante, prontamente abraçaram o projeto, iniciando, ainda em 1964, as primeiras articulações políticas e administrativas para o cumprimento das várias exigências do CONTEL (Conselho Nacional de Comunicações) para a concessão do canal. Segundo o CONTEL devia prevalecer entre as emissoras um regime de Sociedade Anônima. Assim, o primeiro passo dado pelos articuladores da TV piauiense foi a criação da empresa TV Rádio Clube S/A, o que permitiu a obtenção de recursos através da venda pública de ações patrimoniais e ordinárias aos interessados no empreendimento, garantindo o capital necessário à construção do prédio da TV.

Ataulpa Albuquerque, diretor comercial da empresa, chegou a montar uma equipe de vendas e um pequeno escritório situado à Rua Barroso. O escritório recebeu o nome de NORTEL e sua criação, ao que parece, figurava entre as exigências do governo para liberação do canal. Mas, quem eram os compradores dessas ações? Em obra autobiográfica Jorge Azar Chaib, advogado e um dos sócios fundadores da Rádio Clube aponta uma resposta para essa pergunta. O amigo de todas as horas de Valter Alencar, afirmar que eram, em sua maioria, “pessoas simples da cidade que dispuseram de suas economias ou da permutas de publicidade com material de construção para participar daquele empreendimento de tão grande valor” (CHAIB, 2007: 70). Em contrapartida, sabe-se que devido às restrições do governo federal, estrangeiros e pessoas jurídicas eram impedidos de adquiri-las. Todavia, nem mesmo a publicidade e o entusiasmo dos vendedores conseguiram driblar alguns problemas. Segundo consta, a incipiente economia do Estado somada à esperteza de alguns, levou um número expressivo de vendedores e compradores a não cumprir com os compromissos feitos com a NORTEL, tornando a venda das ações um capítulo à parte no processo de implantação da TV Clube. Mesmo com inadiplicência no negócio da venda das ações no ano de 1965 o sonho da televisão piauiense começou a ganhar contornos mais definidos com a construção do prédio/sede no Bairro do Monte Castelo na zona sul/centro de Teresina.

Nos depoimentos coletados verifiquei que a densidade das lembranças relativas à construção do prédio da TV faz desse espaço um lugar de memória. O “Colosso do Monte

⁸ A luta não envelhece as esperanças. O DIA, Teresina, 06 de fevereiro, 1972. n 3541, p 08.

Castelo” – espaço histórico e culturalmente semantizado – aparece nas narrativas dos entrevistados como um território de lembranças responsável pela formação de uma espécie de comunidade afetiva unida pelo fazer televisivo. Para o historiador francês Pierre Nora a memória é tudo aquilo que catalisa e perpetua os testemunhos de um outro tempo. Exemplificando:

[...] museus, arquivos, cemitérios e coleções, festas, aniversários, tratados, processos verbais, monumentos, santuários, associações [...]. Os lugares de memória nascem e vivem do sentimento que não há memória espontânea, que é preciso criar arquivos, que é preciso manter aniversários, organizar celebrações, pronunciar elogios fúnebres, notariar atas, porque essas operações não são naturais. (NORA, 1993: 13)

O “Colosso do Monte Castelo” é revestido de inúmeros sentidos, sendo sua própria construção criadora de uma memória institucional da TV Rádio Clube. No artigo intitulado “*Lugares de Memória da Medicina no Brasil*”⁹, a professora Margarida de Souza Neves sintetiza a expressão “lugares de memória”. Para ela, esses lugares possuem um tríplice sentido: São lugares materiais onde a memória se prende e estaciona, podendo ser apreendida pelos sentidos; são lugares funcionais, podendo ser ou adquirir a função de base para as memórias coletivas e, por fim, são também lugares simbólicos, nos quais a própria identidade do grupo é apresentada.

Na seleção dos acontecimentos potencializados nas memórias que tratam da história da primeira emissora de televisão local, ganha destaque a chegada da torre da TV à Teresina. Para Fausto Colombo processos como esses só podem ser entendidos quando se leva em consideração que “não é o objeto que torna valiosa a lembrança, é a lembrança que torna valioso o objeto lembrado” (COLOMBO, 1991: 103). Desse modo, penso que as referências ao episódio da torre articulam-se ao sentido de comicidade que o mesmo passou a ter no presente. Vejamos: Em 1968, Valter Alencar conseguiu por intermédio de Pedro Cavalcante, pequeno empresário do ramo da vidraçaria e um dos maiores entusiastas do projeto da televisão para o Estado, a doação de uma torre de Zepellin desativada há anos. A torre improvisada – um emaranhado de aço de 60 metros – pertencia ao cunhado de Cavalcante e estava enferrujando na cidade de Natal-RN. Feita a doação, iniciaram os preparativos para sua chegada. Raimundo Albuquerque relembra os detalhes dos preparativos:

⁹ NEVES, Margarida de Souza. “Lugares de memória da medicina no Brasil”; In: <http://www.historiaecultura.pro.br/cienciaepreconceito/lugaresdememoria.htm>. Acesso: 20 de janeiro de 2009.

Nós preparamos umas placas para botar de um lado e do outro do caminhão. Que era para dizer: A nossa televisão tá chegando! A torre tá chegando! Mais ou menos isso. Eu e Dr. Valter fomos esperar essa torre no caminho. Só que, quando chegamos lá, a gente olhou a torre e era só ferrugem. Na praia uma torre de aço há muitos anos.¹⁰

É curioso como a narrativa constrói uma representação das expectativas vividas naquele momento. A confecção de faixas com frases que celebravam a chegada da torre, a comitiva aguardando a novidade com foguetório pronto a estourar em alegria. Afinal o sonho da TV piauiense estava cada vez mais perto de ser realizado. O evento criado para ser uma festa, transformou-se num fiasco e aos que aguardavam a chegada da torre nos limites da cidade restou apenas o constrangimento. A torre foi levada para pintura e reparos em um povoado vizinho. Restaurada, finalmente pôde ser recepcionada como Valter Alencar queria. Dias depois foi incrustada no solo do Monte Castelo, vindo a ser inaugurada oficialmente no dia 23 de dezembro de 1968.

Era comum faltar recursos para dar prosseguimento às obras, uma vez que estas avançavam à medida que entrava o capital da venda das ações. Maior ainda eram as dificuldades para conseguir os equipamentos necessários para o funcionamento da emissora. João Eudes (Bolinha) Diretor esportivo da emissora, referindo-se a essas dificuldades dos primeiros tempos, lembra que:

O doutor Valter tinha muito interesse em implantar a televisão, ele vivia absorvido pela idéia de fazer a televisão, chegou a fazer penhora de bens, vendeu patrimônio, para fazer a parte física da emissora. Os filhos tiveram que voltar a estudar no Piauí porque o pai precisava de recursos para tocar o projeto.¹¹

Os problemas financeiros que marcaram o processo de implantação da TV Clube, assim como o desprendimento de Valter Alencar são traços permanentes na memória dos funcionários entrevistados, inclusive daqueles que já não atuam mais na empresa, sendo repetidamente narrados. Dessa forma a fala de Bolinha não é isolada, no entanto impressiona bastante, uma vez que o jornalista cearense veio morar em Teresina somente em 1972, ingressando no mesmo ano no quadro de funcionários da TV recém-inaugurada. Nesse sentido, percebe-se que ele não vivenciou os fatos narrados, o que não o impede de ter sua memória afetada, vindo a incorporar as memórias que circulam entre os funcionários mais antigos que viram de perto as dificuldades desse período.

¹⁰ ALBUQUERQUE, Op.Cit.

¹¹ RAMOS, João Eudes de Castro. *Entrevista concedida a Maria Lindalva Silva Santos*. Teresina (PI), 09 de janeiro de 2009. Não publicado.

Considerado um dos herdeiros da sociologia de Émile Durkheim, Maurice Halbwachs oferece a concepção de que a memória é um construto social. Assim, cada memória individual é parte indissociável e vibrante da memória coletiva, imbricada não somente nas relações sociais, mas também no reconhecimento dos sujeitos nessas relações. “Um homem para evocar seu próprio passado, tem freqüentemente necessidade de fazer apelo às lembranças dos outros” (HALBWACHS, 1990: 54). Assim, ouvindo o que os outros contaram, Bolinha termina se apropriando e recontando a mesma história, construindo um texto comum, escrito coletivamente pelo grupo de profissionais do qual ele é parte integrante.

Os investimentos memorialistas em relação ao “Colosso do Monte Castelo” o reconstroem como lugar dinâmico, de muita festa e alegria. Bailes carnavalescos, concorridos shows com artistas do porte de Fernando Müller, Jerry Adriane, Lindomar Castilho e Valdick Soriano assim como animadas matinês somavam-se às estratégias usadas para superar a carência de recursos. Além disso, tudo indica que as festas eram também uma maneira de apresentar ao público teresinense as instalações da TV e, desse modo, esvaziar os comentários do tipo “o prédio vai terminar sendo transformado em armazém, em um depósito”.¹²

Em meio às farpas trocadas por céticos e entusiastas e depois de muitos tropeços, a obra foi concluída, apresentando uma estrutura invejável, segundo informações veiculadas no dia 12 de outubro de 1969 pelo jornal O DIA. A saber:

Como fruto do esforço permeado desde os primeiros ecos da idéia surgida, existe na parte térrea da TV Rádio Clube, um dos melhores estúdios do Brasil; o maior auditório de televisão do país; duas salas para discoteca; uma sala para locutores, seis divisões para departamentos; uma sala de diretoria, almoxarifado; Departamento Comercial; sala de estar; boate. No andar superior há uma sala de equipamentos de TV; uma sala uma sala de manutenção; uma de vídeo tape; sala para fotografia; dois camarins; um apartamento para hospedagem; restaurante e bar. Ao fundo a piscina em construção; um poço tubular (com 96 metros de profundidade) [...]; uma torre de aço pesando 14 toneladas.¹³

Impressionado com a suntuosidade e grandeza da nova casa, Jim Borralho Boavista usou o microfone da Rádio Clube AM para anunciar o começo de novos tempos: “Diretamente do Colosso do Monte Castelo, Rádio Clube de Teresina”. A frase, embora seja econômica, tem sua importância marcada na trajetória da TV Rádio Clube. Ela inventa discursivamente o “Colosso do Monte Castelo”, expressão usada até hoje para representar o prédio da primeira emissora de televisão do Piauí.

¹² FILHO, Otacílio Elias de Sousa. *Entrevista concedida a Maria Lindalva Silva Santos*. Teresina (PI), janeiro de 2009. Não publicado.

¹³ Televisão em dezembro, O DIA, 12 outubro, 1969. n 2828, p 08.

REFERÊNCIAS

FONTES:

O Dia. Teresina, Piauí – 1968 /1972 –Jornal Diário/ Circulação regional.

Jornal do Piauí. Teresina, Piauí – 1968/ 1972 – jornal Diário/ Circulação Regional.

ENTREVISTAS:

ALBUQUERQUE, Raimundo Nonato T. Portela. *Entrevista concedida a Maria Lindalva Silva Santos*. Teresina (PI), novembro de 2008. Não publicado.

FILHO, Otacílio Elias de Sousa. *Entrevista concedida a Maria Lindalva Silva Santos*. Teresina (PI), janeiro de 2009. Não publicado.

RAULINO, Elvira. *Entrevista concedida a Maria Lindalva Silva Santos*. Teresina (PI), janeiro de 2009. Não publicado.

RÊGO, Josafan Bonfim de Moraes. *Entrevista concedida a Maria Lindalva Silva Santos*. Teresina (PI), janeiro de 2009. Não publicado.

BIBLIOGRAFIA:

BOSI, Ecléa. *Memória e sociedade - lembranças de velhos*. 3. ed. São Paulo: Cia das Letras, 1994.

CHAIB, Jorge Azar. *A voz do tempo: viagens pelo caminho do meu passado*. Teresina: Gráfica do povo, 2007.

CHARTIER, Roger. O mundo como representação. In: *Revista de Estudos Avançados*, São Paulo. USP. N.5, v.11, 1991

COLOMBO, Fausto. *Arquivos imperfeitos: memória social e cultura eletrônica*. Tradução de Beatriz Borges. São Paulo: Perspectiva, 1991.

FALCÃO, Luiz Alberto Ponte. *Piauí: vi, ouvi e escrevi: Artigos sem censura*. Teresina: Alínea Publicações Editora, 2007.

FREITAS, Sônia Maria de. *História oral: possibilidades e procedimentos*. São Paulo. Humanistas/FFLCH/USP: Imprensa Oficial do Estado, 2002

HALBWCHS, Maurice. *A memória coletiva*. São Paulo: Vértice/Editora Revista dos Tribunais, 1990.

MATTOS, Sérgio. *Um perfil da TV brasileira: 40 anos de história – 1950 a 1990*. Salvador: A Tarde, 1990.

NASCIMENTO, Francisco Alcides Do. *História e Memória: o rádio por seus locutores*. Fênix (Uberlândia), v. 3, 2006.

_____; SANTIAGO JÚNIOR, F. C.. A Censura e o Rádio no Piauí. In: Francisco Alcides do Nascimento; Francisco das Chagas Santiago Júnior. (Org.). *Encruzilhadas da História: Rádio e Memória*. 1 ed. Recife: Bagaço, 2006, v. 1.

NEVES, Margarida de Souza. “*Lugares de memória da medicina no Brasil*”. Disponível em: <http://www.historiaecultura.pro.br/cienciaepreconceito/lugaresdememoria.htm>. Acesso: 20 de janeiro de 2009.

NORA, Pierre. Entre memória e história: a problemática dos lugares. *Projeto História: Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados em História e do Departamento de História da PUC-SP*, São Paulo: PUC, n. 10, dez. 1993.